

REFLEXÕES SOBRE A IDEIA DE SUJEITO EM LACAN

Maria do Socorro Furtado BASTOS¹
Rosana Macêdo da SILVA²

Resumo

A ideia de sujeito é um tema complexo que permeia diversas áreas do conhecimento, desde a filosofia até a sociologia, passando pela Psicologia. Ao longo da história, diferentes teorias têm abordado o sujeito nesse processo, destacando a influência de fatores internos e externos na formação da identidade individual. Analisando o sujeito e como ele interage com os elementos do contexto social, cultural e histórico para forjar sua identidade única. Pretende-se compreender as dinâmicas que o moldam, considerando conceitos lacanianos de o (grande) Outro, Estágio do Espelho, Objeto a e Nome-do-pai. A metodologia é da base de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), National Library of Medicine (PUBMED) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) que abordassem a ideia do sujeito dentro do referencial teórico de Lacan. Entendendo que a ideia do sujeito e da sua subjetividade é um processo dinâmico e multifacetado, no qual o próprio sujeito desempenha um papel central. Na análise revelou que a identidade individual é influenciada por uma interação complexa entre fatores internos, como personalidade e experiências pessoais, e fatores externos, como cultura, sociedade, bem como aspectos como emoções e pensamentos, normas sociais e experiências interpessoais. Entende-se que o sujeito construindo a sua subjetividade é tanto ativo quanto passivo, pois ele é simultaneamente moldado por seu ambiente e é agente de sua própria formação. Portanto, compreender e respeitar a diversidade de experiências e perspectivas individuais é fundamental para uma sociedade mais inclusiva e justa.

Palabras chave: Sujeito, Construção, Subjetividade, Identidade

Abstract

The idea of the subject is a complex theme that permeates different areas of knowledge, from philosophy to sociology, including Psychology. Throughout history, different theories have addressed the subject in this process, highlighting the influence of internal and external factors in the formation of individual identity. Analyzing the subject and how he interacts with elements of the social, cultural and historical context to forge his unique identity. The aim is to understand the dynamics that shape it, considering Lacanian concepts of the (great) Other, Mirror Stage, Object a and Name-of-the-Father. The methodology is from the database of Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), National Library of Medicine (PUBMED) and Virtual Health Library (VHL) that addressed the idea of the subject within Lacan's theoretical framework. Understanding that the idea of the subject and his subjectivity is a dynamic and multifaceted process, in which the subject himself plays a central role. The analysis revealed that individual identity is influenced by a complex interaction between internal factors, such as personality and personal experiences, and external factors, such as culture, society, as well as aspects such as

¹Mestre em Psicologia Clínica pela UNICAP; Graduada em Psicologia pela UFPE; e, Orientadora e discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA

²Graduada no curso de Bacharelado em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA Email: rosana.macedo@gmail.com

emotions and thoughts, social norms and interpersonal experiences. It is understood that the subject building his subjectivity is both active and passive, as he is simultaneously shaped by his environment and is an agent of his own formation. Therefore, understanding and respecting the diversity of individual experiences and perspectives is fundamental to a more inclusive and fair society.

Keywords: Subject, Construction, Subjectivity, Identity

INTRODUÇÃO

A ideia de sujeito é de fundamental importância na Psicologia, especialmente dentro do referencial teórico de Jacques Lacan que foi um psicanalista e psiquiatra francês, considerado um dos mais influentes e controversos teóricos da psicanálise do século XX, constituindo a segunda onda dessa abordagem, que traz novas perspectivas para a psicanálise através de conceitos da linguística, filosofia e antropologia, concebendo-a na concepção de três tempos: tempo de ver, tempo de entender e tempo de atuar. No entanto, a complexidade e a profundidade dos conceitos lacanianos frequentemente resultam em interpretações equivocadas e mal-entendidos, o que pode comprometer a prática clínica. De acordo com Bleichmar (2017), a falta de compreensão adequada sobre o papel do sujeito na teoria lacaniana pode levar a intervenções terapêuticas ineficazes e até prejudiciais.

Além disso, a negligência em declarar o sujeito como um elemento central construindo a sua subjetividade pode resultar em abordagens reducionistas que desumanizam o paciente e reforçam padrões disfuncionais. Esses desafios destacam a necessidade urgente de uma investigação aprofundada sobre a teoria lacaniana para esclarecer a "ideia do sujeito" construindo a subjetividade e suas implicações terapêuticas.

Ademais, é importante considerar que a teoria lacaniana oferece uma perspectiva única sobre a subjetividade, que diverge significativamente de outras abordagens psicológicas. Lacan propõe que o sujeito é constituído através da linguagem e do inconsciente, elementos que desempenham um papel central na formação da identidade e na dinâmica psíquica. Esta visão enfatiza a importância de entender os processos simbólicos e a estrutura do desejo inconsciente, aspectos que são cruciais para a eficácia da intervenção clínica. Portanto, um estudo detalhado dos conceitos lacanianos pode revelar novos insights sobre a subjetividade e oferecer ferramentas mais refinadas para a prática terapêutica.

O aprofundamento nesta investigação teórica também pode contribuir para a resolução de dilemas éticos na prática clínica. A teoria lacaniana, ao enfatizar a

singularidade do sujeito e a importância do desejo inconsciente, oferece uma abordagem que evita generalizações e tratamentos padronizados, respeitando a individualidade de cada paciente. Isso pode ajudar os clínicos a desenvolverem intervenções mais personalizadas e eticamente responsáveis, promovendo um cuidado mais humano e eficaz.

O objetivo deste trabalho é investigar a ideia do sujeito construindo a sua subjetividade segundo a teoria de Jacques Lacan. Para atingir esse objetivo, será realizado um estudo teórico que revisitará os conceitos fundamentais de Lacan, com ênfase no conceito de "sujeito do inconsciente". Analisar criticamente a literatura existente permitirá identificar lacunas de compreensão e propor abordagens mais precisas e eficazes para a prática terapêutica. Especificamente, pretende-se examinar como a compreensão correta do sujeito pode influenciar positivamente as intervenções clínicas e promover uma melhor saúde mental.

A justificativa para este trabalho reside na necessidade de aprofundar a compreensão teórica sobre a subjetividade e a ideia do sujeito dentro da perspectiva lacaniana. Compreender esses conceitos de maneira aprofundada e precisa é crucial para a formação de psicólogos e psicanalistas que buscam oferecer cuidados mais eficazes e humanizados.

Segundo Ribeiro (2020), uma abordagem bem fundamentada na teoria lacaniana pode proporcionar intervenções que respeitam e promovem a singularidade do sujeito, contribuindo para uma prática clínica mais ética e eficaz. Este estudo, portanto, visa enriquecer o debate acadêmico e fornecer uma base teórica sólida que pode ser aplicada na prática terapêutica, visando o bem-estar psíquico dos indivíduos.

Por fim, este trabalho pretende não apenas contribuir para a teoria e prática psicanalítica, mas também fornecer uma base sólida para futuras pesquisas. Através de uma análise crítica e detalhada dos conceitos lacanianos, este estudo visa esclarecer ambiguidades e equívocos, oferecendo um entendimento mais claro e aplicável da ideia do sujeito na construção da sua subjetividade. Assim, espera-se que esta investigação possa servir como um recurso valioso para acadêmicos e profissionais, auxiliando na formação de uma prática clínica que verdadeiramente reconheça e valorize a complexidade e a singularidade do ser humano.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo constitui-se de uma revisão bibliográfica a respeito do papel do sujeito na construção da subjetividade segundo a teoria de Jacques Lacan. A coleta de dados foi realizada utilizando as seguintes bases de dados como: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), National Library of Medicine (PUBMED) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), focando em encontrar as teorias e livros que introduziam as ideias do Psicanalista Lacan, pois são plataformas confiáveis, referendas na produção de pesquisa científica. Além disso, foram consultadas as plataformas de artigos acadêmicos Pepsic e Google Acadêmico.

Foram definidos como critérios de inclusão da pesquisa: artigos publicados entre os anos 2000 e 2023 e português, inglês e espanhol, visto que foi o período após a sua morte que mais pesquisas com perspectiva lacaniana que foram produzidos. Bem como artigos completos que abordassem a temática da ideia do sujeito na construção da sua subjetividade dentro do referencial teórico de Jacques Lacan. Os artigos que se mostravam incompletos, repetidos ou que não tratavam diretamente do tema foram excluídos.

A abordagem de pesquisa utilizada foi de natureza exploratória e de revisão de literatura. A revisão exploratória permitiu uma ampla compreensão dos principais conceitos lacanianos e suas interpretações, enquanto a revisão de literatura focou na identificação de estudos que discutem a aplicação prática desses conceitos na clínica psicológica. Durante a revisão bibliográfica, foram buscadas obras de autores renomados na área da psicanálise lacaniana, incluindo Jacques Lacan, Bleichmar e outros que contribuíram significativamente para o entendimento da ideia do sujeito e sua subjetividade na teoria lacaniana. Além das obras primárias de Lacan, foram incluídos artigos e livros que analisam e interpretam suas teorias, fornecendo uma base teórica robusta para a discussão proposta neste artigo.

1. A RELAÇÃO DO OUTRO E O SUJEITO EM LACAN

Jacques Lacan, um dos mais influentes psicanalistas do século XX, introduziu conceitos que revolucionaram a compreensão do sujeito e da subjetividade. Um dos pilares de sua teoria é a relação entre o sujeito e o Outro (com letra maiúscula), que desempenha um papel crucial na constituição da identidade e na dinâmica do inconsciente.

Para Lacan, o Outro representa a linguagem, a cultura e o conjunto de significantes que precedem e moldam o sujeito. É através do Outro que o sujeito se inscreve no campo simbólico, a estrutura da linguagem e dos significados que constitui o inconsciente. Lacan afirma que "o inconsciente é o discurso do Outro", indicando que os desejos, fantasias e traumas do sujeito estão profundamente enraizados nos significantes fornecidos pelo Outro (Magalhães, 2010).

O Outro não é apenas uma figura externa, como os pais ou a sociedade, mas uma entidade internalizada que regula o acesso do sujeito ao simbólico e ao desejo. Desde o momento do nascimento, o sujeito é confrontado com o desejo do Outro, que estrutura sua entrada no mundo simbólico. Este processo é essencial para a formação do "sujeito do inconsciente", um conceito central na teoria lacaniana. A influência do Outro é contínua e dinâmica, moldando não apenas os primeiros estágios do desenvolvimento, mas toda a trajetória da vida psíquica do sujeito (Amarante, 2020).

Um dos momentos fundamentais na relação do sujeito com o Outro é o "estágio do espelho", que ocorre entre os seis e dezoito meses de vida. Durante este período, a criança identifica sua imagem refletida no espelho como um todo unificado, diferenciado de seu corpo fragmentado. Lacan argumenta que este reconhecimento é mediado pelo Outro, geralmente representado pela mãe, que confirma e valida a imagem do eu (Lacan, 1998).

O estágio do espelho marca a emergência do "eu" (moi), uma construção imaginária que proporciona ao sujeito uma sensação de unidade e identidade. No entanto, essa imagem é sempre um reflexo, uma representação mediada pelo olhar do Outro. Assim, a relação do sujeito com sua própria imagem é sempre intermediada e sustentada pelo Outro, o que gera uma dialética contínua entre o eu ideal e a realidade fragmentada do corpo. Esta dialética implica uma constante negociação entre a identidade imaginária e a experiência corporal real, perpetuando

uma sensação de falta e incompletude que alimenta o desejo humano. Esse desejo nunca pode ser plenamente satisfeito, pois está sempre em busca de algo além do que é imediatamente acessível ou compreensível, mantendo o sujeito em um estado de constante busca e insatisfação. Dessa forma, a falta se torna um motor central na psicanálise lacaniana, impulsionando o desenvolvimento da subjetividade e as interações do sujeito com o mundo e com os outros (Magalhães, 2010).

Outro conceito central na relação do sujeito com o Outro é o "Nome-do-Pai" do (Le Nom-du-Père). Lacan introduz esse termo para descrever a função simbólica do pai na estruturação do desejo e na imposição da lei. O Nome-do-Pai (Le Nom-du-Père) é a metáfora do poder e da autoridade que introduz a criança à ordem simbólica, regulando seus desejos e suas interações sociais (Lacan, 1998).

O Nome-do-Pai (Le Nom-du-Père) representa a internalização da lei e do interdito, que possibilita ao sujeito reconhecer e respeitar os limites impostos pela cultura e pela linguagem. Este processo é fundamental para a construção da subjetividade, pois permite ao sujeito navegar entre seus desejos inconscientes e as exigências do Outro. A ausência ou falha do Nome-do-Pai (Le Nom-du-Père) pode resultar em patologias psíquicas, onde a relação do sujeito com o desejo e o Outro se torna disfuncional. Sem a orientação e o limite fornecidos pelo Nome-do-Pai (Le Nom-du-Père), o sujeito pode enfrentar dificuldades significativas em integrar-se à ordem simbólica, resultando em distúrbios que podem variar desde neuroses até psicoses (Lacan, 1998).

O sujeito, segundo a teoria lacaniana, é moldado pela cadeia de significantes, caracterizado por uma constante sensação de falta e pelo desejo de completude através do Outro. Entre as três ordens fundamentais de Lacan - o simbólico, o imaginário e o real - o simbólico ocupa o papel central. Ele abrange a esfera da linguagem, das leis e das normas que governam a vida social e psíquica. Através da internalização dessas regras simbólicas, mediadas pela figura do Nome-do-Pai, o indivíduo é integrado na ordem social e aprende a gerenciar seus desejos e impulsos. Esse processo é intrincado, envolvendo a assimilação de normas culturais, valores sociais e estruturas linguísticas que formam o campo simbólico onde o sujeito opera (Lacan, 1998).

A teoria lacaniana destaca a centralidade da linguagem na constituição do sujeito. Lacan propõe que a entrada na linguagem, ou o "acesso ao simbólico", é o

que funda o sujeito como tal. Assim, surge o sujeito, não apenas pela linguagem, mas quando consegue nomear, dando sentido. A linguagem, com sua estrutura de significantes, organiza o inconsciente e define os parâmetros do desejo. O sujeito é, portanto, um efeito da cadeia signifiante, sempre marcado pela falta (manque) e pelo desejo de completar-se através do Outro. O simbólico é uma das três ordens fundamentais da teoria lacaniana, ao lado do imaginário e do real. Ele representa a ordem da linguagem, das leis e das normas que regulam a vida social e psíquica (Lacan, 1998).

Através da internalização das regras simbólicas, mediadas pelo Nome-do-Pai (Le Nom-du-Père), o sujeito é introduzido à ordem social e aprende a negociar seus desejos e impulsos. Este processo de internalização é complexo e envolve a assimilação de normas culturais, valores sociais e estruturas linguísticas que configuram o campo simbólico no qual o sujeito se movimenta (Lacan, 1998).

O desejo é um conceito central na teoria lacaniana do sujeito. Lacan distingue entre necessidade, demanda e desejo. A necessidade refere-se aos impulsos biológicos básicos, enquanto a demanda é a expressão verbalizada dessas necessidades ao Outro. No entanto, o desejo transcende a necessidade e a demanda, sendo sempre um desejo do Outro. (Amancio, 2011).

Em outras palavras, o desejo é estruturado pela linguagem e pelos significantes do Outro, nunca podendo ser plenamente satisfeito. O desejo é marcado pela falta (manque), uma ausência que motiva o sujeito a buscar continuamente algo que possa preencher essa lacuna. Esta busca interminável é uma característica fundamental do sujeito lacaniano. O desejo nunca é completamente realizado, pois está sempre em movimento, deslocando-se de um objeto para outro em uma busca perpétua por satisfação. Este movimento perpétuo do desejo é o que Lacan chama de "metonímia do desejo", onde o desejo se desloca de um significante a outro, perpetuando a busca pela satisfação que nunca é alcançada (Amancio, 2011).

Lacan introduz o conceito de "objeto a" (objeto petita) para descrever o objeto do desejo que representa a falta constitutiva do sujeito. O objeto a é o que resta do sujeito após a entrada na linguagem e a internalização do simbólico. Ele é o objeto causa do desejo, aquilo que o sujeito busca incessantemente para preencher sua falta, mas que nunca pode ser realmente alcançado. O objeto a é central na

estrutura do desejo e na dinâmica do inconsciente. Ele aparece de várias formas, como o seio, o olhar, a voz ou as fezes, representando aspectos fundamentais da experiência subjetiva que são investidos de desejo. A impossibilidade de capturar plenamente o objeto a é o que mantém o desejo em movimento e define a estrutura via desejo do sujeito lacaniano (é bom salientar que para Freud a identificação da estrutura é pelo sintoma). Este conceito é crucial para entender a dinâmica do desejo e a perpetuação da busca incessante que caracteriza a experiência subjetiva (Amarante, 2020).

Lacan postula que o sujeito é fundamentalmente dividido, nunca sendo completamente unificado ou transparente a si mesmo. Essa divisão é resultado da entrada no simbólico e da alienação inerente ao processo de significação. O sujeito é constantemente confrontado com a diferença entre seu eu idealizado (imaginário) e sua realidade inconsciente (simbólico). Além disso, é importante considerar que o sujeito é feito de fases, passando por diferentes estágios ao longo de sua vida. Cada fase representa um momento de transição e transformação na estrutura psíquica do sujeito, desde a fase do espelho, onde ocorre a formação do eu idealizado, até as fases posteriores em que o sujeito lida com a complexidade do desejo e da linguagem (Lacan, 2005).

A divisão também se manifesta na relação do sujeito com o Outro. O sujeito é sempre um efeito do desejo do Outro, o que gera uma constante tensão e conflito interno. Esta estrutura dividida é essencial para a compreensão do sujeito lacaniano e para a abordagem terapêutica, que visa explorar e desvelar as camadas do inconsciente. A divisão do sujeito implica que ele nunca é completamente transparente a si mesmo, sempre existindo uma parte de sua experiência que é inconsciente e que escapa à sua própria compreensão. Dessa forma, compreender o sujeito lacaniano envolve reconhecer tanto a sua natureza dividida quanto as fases pelas quais ele passa, cada uma contribuindo para a complexidade e profundidade de sua experiência subjetiva (Lacan, 2005).

Na prática clínica, a compreensão da relação do sujeito com o Outro é vital para efetivas intervenções terapêuticas. A análise lacaniana foca em revelar como os significantes do Outro moldam o desejo e o sintoma do sujeito. Através da fala, o paciente pode explorar e reestruturar suas relações simbólicas, liberando-se de padrões disfuncionais e promovendo uma maior integração de sua subjetividade. O

analista, ao atuar como um Outro simbólico, deve facilitar esse processo sem impor interpretações diretas, permitindo que o sujeito encontre suas próprias significações e reorganize seu mundo interno. Esse enfoque deve respeitar a singularidade do sujeito e valorizar sua capacidade de reconstruir sua identidade de maneira autônoma e autêntica. (Fink, 1998)

A intervenção terapêutica lacaniana visa não a cura no sentido tradicional, mas a reconfiguração das relações do sujeito com seu desejo e com o Outro, promovendo uma maior liberdade e autenticidade (Lacan, 2005).

A relação do sujeito com o Outro em Lacan é um dos aspectos mais profundos e complexos de sua teoria. Através do conceito de Outro, Lacan revela como a linguagem e a cultura estruturam a subjetividade, mediando o desejo e a identidade do sujeito. Entender essa dinâmica é essencial para qualquer abordagem psicanalítica que busca promover uma prática clínica ética e eficaz, capaz de lidar com a profundidade e a complexidade da experiência humana (Amarante, 2020).

Lacan aborda o conceito de significante na prática analítica, propondo uma nova concepção de sujeito que se distingue claramente da perspectiva de Saussure e de seus seguidores, bem como das novas tendências linguísticas. Na linguística, a ideia de sujeito varia conforme o autor e pode referir-se a categorias como pessoa, indivíduo, locutor e emissor (Campos, 2003).

No entanto, Lacan apresenta a categoria de sujeito de maneira completamente distinta do pensamento linguístico convencional, baseando-se em uma teoria sobre a estrutura da subjetividade humana: a falta-a-ser. Desde o nascimento de uma criança, a inscrição do simbólico em seu corpo (campo do Outro como o lugar dos significantes) gera um sujeito e sua dependência (alienação) à ordem do significante, estabelecendo o desejo humano como o desejo do desejo do Outro (Campos, 2003).

Assim, o significante é descrito como aquilo que representa um sujeito, na forma de diferença, para outros significantes. Quando se trata do sujeito se perceber como o espaço criado na lacuna entre o significante primordial (S1), que identifica o sujeito e define sua singularidade, e os outros significantes (S2), que têm a função de representá-lo para outros significantes, o significante se torna um símbolo de um sujeito. É a inscrição na ordem do significante (campo do Outro) que permite ao sujeito operar com as regras da linguagem e gerar significados que vão além da

intenção do discurso (Lacan, 1998).

Surge então a indagação: de que modo um indivíduo pode se representar como um significante para outro significante? Apenas na posição de objeto. Assim, o significado produzido pela função significante está vinculado à imagem que o indivíduo tem de si próprio. A imagem especular é a representação de um indivíduo na forma de ego. No âmbito imaginário, o indivíduo aparece como objeto cuja notação é $i(a)$. Incorporando o conceito de linguagem de Jakobson, Lacan reforça novamente a descoberta de Freud sobre a estrutura da linguagem no campo do inconsciente, o que levanta uma questão que separa de forma irreconciliável o conhecimento linguístico da psicanálise. Lacan questiona: "Uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos atribuir a ele?" (Lacan, 1998, p. 814).

Na prática da linguística, não se considera que toda a vivência do inconsciente esteja restrita ao vínculo entre sujeito e significante. O inconsciente não é compreendido como uma ordem do indizível ou do desconhecido, nem como um espaço inalcançável. Pelo contrário, o inconsciente é percebido como sinônimo de enunciação, manifestando-se de maneira subjacente no enunciado. Para a psicanálise, o inconsciente existe porque há um espaço onde os significantes se articulam antes da formação de cada sujeito. Um sujeito, assim formado, carrega a característica fundamental de não poder acessar diretamente o significante que lhe deu origem (S_1). Este significante, que se move continuamente na cadeia significante, sempre terá para o sujeito o valor de x e, como tal, irá produzir significação (Lacan, 1998).

Esse intervalo entre o significante original, que pertence ao sujeito, e os outros significantes, que o representam para outros significantes, desempenha a mesma função que a separação entre significante e significado no algoritmo que define a função do significante. Essa posição intermediária do sujeito é o que gera lapsos e atos falhos no discurso. Essas são manifestações do inconsciente estruturado como linguagem, que emergem em falas não intencionais. Isso se traduz na produção de um conhecimento que não é consciente (Carvalho, 2012).

Nos deslizos da fala, "a análise revela a verdade dessa relação, ao tornar os furos do sentido os determinantes de seu discurso" (Lacan, 1998, p. 815). A linguagem, ao segmentar e estruturar os pensamentos, se inscreve no pré-

consciente, enquanto os pensamentos se inscrevem no inconsciente. É pela existência da linguagem que o inconsciente e a língua existem. Portanto, o falante pode utilizar a língua para significar o que, do ponto de vista da própria língua, não faz sentido. A teoria lacaniana desafia as noções tradicionais de identidade e subjetividade, propondo uma visão em que o eu de um sujeito é sempre um efeito da linguagem e do desejo do Outro (Figueiredo, 2019).

Esta perspectiva oferece uma compreensão mais rica e multifacetada do ser humano, destacando a importância de abordar o inconsciente e suas estruturas simbólicas na prática clínica. A exploração do desejo, da falta e da divisão do sujeito proporciona uma base sólida para intervenções terapêuticas que visam a transformação profunda e a realização do sujeito mais integrada e autêntica (Figueiredo, 2019).

2. MANEIRA COMO A TEORIA LACANIANA ENTENDE ESSE SUJEITO

Jacques Lacan, ao longo de sua obra, empreendeu uma reconfiguração profunda da psicanálise freudiana, introduzindo conceitos inovadores que não apenas ampliaram, mas revolucionaram a compreensão do sujeito humano. Sua teoria, reconhecida como lacaniana, apresenta uma visão do sujeito que se distancia fundamentalmente das abordagens tradicionais, ao colocar em destaque a primazia da linguagem, do desejo e da estrutura do inconsciente na constituição da subjetividade. Neste exame minucioso, mergulharemos na compreensão lacaniana do sujeito, iluminando seus principais elementos e implicações (Lacan, 1991).

Para Lacan, o sujeito é primordialmente o "sujeito do inconsciente". Esse conceito reflete a noção de que a verdadeira essência do sujeito não reside na consciência, mas sim nas estruturas e processos inconscientes que o moldam e determinam. Lacan reformula o célebre dictum freudiano "Wo Es war, soll Ich werden" ("Onde estava o Id, deve advir o Eu") para proferir que "O inconsciente é estruturado como uma linguagem". Essa formulação enfatiza que o inconsciente opera por meio de mecanismos linguísticos, como a metáfora e a metonímia, e que é através da linguagem que o sujeito é constituído (Lacan, 1991).

Lacan argumenta que essa imagem do eu é uma construção imaginária, uma "formação narcísica" que estabelece a base da identidade do sujeito. Contudo, essa

identidade está sempre permeada pela alienação, pois é construída a partir de uma imagem externa e é constantemente validada pelo Outro. Esse processo gera uma tensão contínua entre o eu ideal e a realidade fragmentada do sujeito, influenciando profundamente a dinâmica psíquica. Com isso, a linguagem, com sua estrutura de significantes, organiza o inconsciente e define os parâmetros do desejo.

A teoria lacaniana do sujeito não apenas reverbera na esfera teórica, mas também se ramifica profundamente na prática clínica, moldando e informando as abordagens terapêuticas adotadas na psicanálise lacaniana. Nesse contexto clínico, o analista é convocado a assumir um papel crucial como um facilitador, atuando como um Outro que guia o paciente na jornada rumo ao desconhecido território do inconsciente. Esta jornada é uma exploração intrincada e delicada dos significantes que tecem a trama do desejo e da subjetividade do paciente, um processo de desvendar os enigmas da cadeia signifiante que subjazem à sua experiência (Briggs, r. & Rinaldi, d., 2014).

Portanto, é uma jornada de desvelar os véus da subjetividade, permitindo que o sujeito se reconecte com seu desejo e reconfigure sua relação com o Outro. Longe de buscar uma unificação utópica do sujeito, o objetivo é abraçar e compreender sua divisão interna, seus conflitos e seus desejos mais profundos e inconscientes.

Nesse contexto, a análise lacaniana emerge como uma ferramenta poderosa para promover uma maior consciência e autonomia do sujeito, capacitando-o a habitar seu ser de forma mais autêntica, mais verdadeira consigo mesmo e menos alienada das forças que o regem (Lacan, 1991).

Lacan sugere que o sujeito é moldado por suas experiências passadas, refletindo sobre como ele poderia ter sido diferente em encontros alternativos. A análise psicanalítica se concentra na maneira como o paciente narra e reconstrói sua história para o analista, destacando que essa narrativa não se trata apenas do passado, mas é constantemente recriada no presente através do discurso. O conteúdo dessa narrativa não é determinado pelo que realmente aconteceu, mas sim pelo sujeito que emerge durante sua expressão. (Fink, 1998)

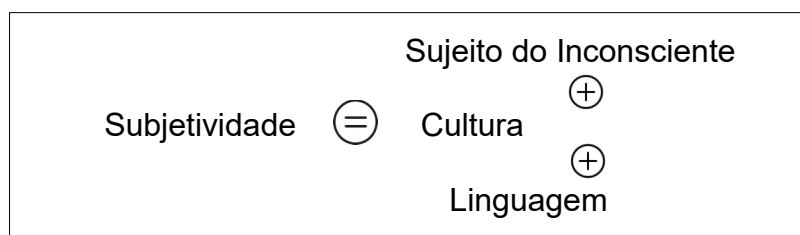
Lacan argumenta que a verdade presente na fala do paciente não se limita à realidade objetiva, mas é uma verdade subjetiva que emerge no processo terapêutico, buscando reorganizar o passado em função das necessidades futuras. Assim, enquanto para Freud o inconsciente vem surgir escavando as

representações, através das lições da Interpretações dos Sonhos, A Psicopatologia da Vida cotidiana, por exemplo, percebendo a origem dos traumas, para Lacan o inconsciente emerge no sujeito através da linguagem.

Diante disso, surge a questão de como o símbolo pode ser compreendido nesse contexto, especialmente quando Lacan associa o inconsciente à história do sujeito. Como entender o valor do símbolo quando o inconsciente é definido como a própria história do sujeito? (Lacan, 1992).

Ao considerar o sujeito na construção da sua subjetividade, torna-se evidente que ele não é um mero espectador, mas um agente ativo que negocia constantemente sua identidade em relação ao mundo ao seu redor.

Desde as teorias psicanalíticas de Freud e Lacan até as abordagens socioculturais contemporâneas, fica claro que a subjetividade é moldada por uma interação complexa dos fatores do inconsciente, cultura e linguagem, paroridiando, de forma respeitosa e simplória, o matema de Lacan, temos:



A perspectiva lacaniana lança luz sobre as complexidades e os labirintos da subjetividade humana, destacando a centralidade da linguagem, do desejo e do inconsciente na constituição do sujeito. Através de conceitos como o estágio do espelho, o Nome-do-Pai, o objeto a e a divisão do sujeito, Lacan redesenha os contornos da identidade, convidando-nos a mergulhar nas profundezas do self para desvendar seus mistérios mais profundos. Essa visão intrincada e multifacetada tem implicações transformadoras para a prática clínica, oferecendo um arsenal de ferramentas conceptuais para sondar e transformar a experiência subjetiva (Briggs, r. & Rinaldi, d., 2014).

Compreender o sujeito lacaniano é, portanto, não apenas um exercício teórico, mas uma necessidade premente para qualquer abordagem psicanalítica que aspire a abraçar a complexidade e a riqueza da experiência humana. É a chave para desbloquear os segredos do inconsciente, abrir novos horizontes de compreensão e promover uma jornada terapêutica verdadeiramente enriquecedora e libertadora.

Assim, a teoria lacaniana do sujeito não só desafia as fronteiras do conhecimento psicanalítico, mas também abre caminhos para uma prática clínica mais profunda, mais compassiva e mais eficaz (Lacan, 1998).

CONSIDERAÇÕES

A análise do sujeito do inconsciente nos leva a questionar as noções tradicionais de objetividade e verdade, especialmente quando consideramos o papel da linguagem na expressão e negociação da identidade pessoal. A verdade, conforme emerge na fala do sujeito, não é uma representação fiel da realidade objetiva, mas uma construção subjetiva que reflete as necessidades, desejos e significados individuais. Portanto, ao investigar o sujeito na construção da sua subjetividade, somos desafiados a repensar nossas concepções de self, identidade e agência pessoal.

Neste contexto, reconhecer a complexidade e a multiplicidade de influências que moldam este sujeito, como o (grande) Outro e sua influência como o desejo do Outro; o esquema do Estágio do Espelho, com sua relação com a própria imagem; o Objeto a como sendo a causa do desejo e da sua busca incessante, permeando o Eu ideal do Ideal de Eu; e, o Nome-do-pai como regulador psíquico que exprime a ordem simbólica (poder e autoridade), reconhecendo limites através da nomeação do significado.

A partir disso explanou-se através destes aspectos os elementos imaginários e como estes podem ser ordenados por um sistema simbólico para que apareça o Eu (sujeito) formulando, então, a sua realidade.

Pode-se constatar, que por meio da clínica, Lacan problematiza este sujeito, que não é dado de antemão, mas que vai se constituindo a partir de seus laços e interrogações, da infância até a vida adulta. E, com base nisso observa-se que a clínica contribui neste processo de identificação do sujeito, onde o acesso a realidade for possível, numa intervenção que pode trazer a dimensão simbólica que ainda não se encontrava sistematizada.

Sendo assim, a ideia do sujeito nesse processo nos convidam a uma reflexão profunda sobre a complexidade da experiência humana, explorado nessas diferentes perspectivas teóricas para compreender como o sujeito constroem suas identidades únicas em meio a uma miríade de influências internas e externas. É fundamental

reconhecer que, embora a subjetividade seja moldada por contextos sociais e históricos específicos, cada sujeito possui uma experiência única e singular de si mesmo e do mundo. Essa singularidade destaca a importância de uma abordagem que valorize a diversidade das experiências e perspectivas individuais para uma compreensão mais completa da ideia do sujeito.

Em última análise, a ideia de sujeito não apenas ilumina a complexidade da identidade humana, mas também enfatiza a importância de reconhecer e respeitar a individualidade e a singularidade de cada pessoa. Este reconhecimento é crucial para fomentar um ambiente social mais inclusivo, justo e compreensivo, onde a diversidade das experiências humanas seja valorizada e respeitada.

REFERÊNCIAS

- AMANCIO, V. R. **Uma clínica para o CAPS**. 170 f. Dissertação (Mestrado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2011.
- AMARANTE, P. Paulo Amarante Fiocruz. **Memórias da Reforma Psiquiátrica no Brasil: do nascimento da psiquiatria ao início da Reforma**. YouTube, mar. 2020.
- BRIGGS, R.; RINALDI, D. O sujeito psicótico e a função do delírio. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 17, n. 3, p. 416-430, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rlpf/v17n3/1415-4714-rlpf-17-03-00416.pdf>. Acesso em: 16 maio 2024.
- CABAS, Antonio Godino. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CAMPOS, G. W. S. A clínica do sujeito: por uma clínica reformulada e ampliada. In: CAMPOS, G. W. S. **Saúde paidéia**. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 51-67.
- CARVALHO, L. G. P.; MOREIRA, M. D. S.; RÉZIO, L. A.; TEIXEIRA, N. Z. F. A construção de um Projeto Terapêutico Singular com usuário e família: potencialidades e limitações. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 521–525, 2012.
- FIGUEIREDO, A. C. Uma breve revisão da reforma psiquiátrica no Brasil e sua relação com a psicanálise e a psicologia. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 19, n. 44, p. 78-87, abr. 2019.
- FINK, B. **O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo**/Bruce Fink; tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara; consultoria Mirian Aparecida Nogueira Lima. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**/Bruce Fink; tradução Vera Ribeiro. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- GARCIA-ROZA, L.A. (1984). **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LACAN, J. **O seminário livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. (Original publicado em 1959- 1960).

_____. **A ciência e a verdade**. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Original publicado em 1966).

_____. **A Instância da Letra no Inconsciente ou A Razão desde Freud**. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **O Seminário livro V: As Formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **A Agressividade em Psicanálise**. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **Dois notas sobre a criança: opção Lacaniana**, 21 (pp. 5-6). São Paulo: Eólia, 2005 (Original publicado em 1969). Lacan, J.. O estágio do espelho como formador da função do eu.

_____. **O Seminário livro I: Os Escritos Técnicos de Freud**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **O Seminário livro II: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

NASIO, J-D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. / J.- D. Nasio; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

MAGALHÃES, B.; MARIANI, B. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Linguagem em (Dis)curso**, Florianópolis, v. 10. n. 2, p. 391-408, 2010.

MAIA, A. B.; MEDEIROS, C. P.; FONTES, F. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 44-61, jun. 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100004 . Acesso em: 16 maio 2024.

MELO JUNIOR, W.; FERREIRA, A. P O Pioneirismo de Nise da Silveira e as Mutações no Campo da Saúde Mental. In: VILHENA, J.; WINOGRAD, M. (Org.). **Psicanálise e Clínica Ampliada**: multiverso. Curitiba: Appris, 2014, p. 10-22.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004 &lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 maio 2024.